



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PSICOLOGIA – BACHARELADO

BIANCA DE ARAÚJO SILVA

ARTE: O CAVALO DE TRÓIA ENTRE A PULSÃO E A CULTURA

Maceió – AL
Setembro/2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PSICOLOGIA – BACHARELADO

BIANCA DE ARAÚJO SILVA

ARTE: O CAVALO DE TRÓIA ENTRE A PULSÃO E A CULTURA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Cleyton Sidney de Andrade

Maceió- AL
Setembro/2021

ARTE: O CAVALO DE TRÓIA ENTRE A PULSÃO E A CULTURA

Bianca de Araújo Silva

Orientador: Prof. Dr. Cleyton Sidney de Andrade

Introdução

Muito se fala sobre arte, muitas análises são feitas sobre quadros, esculturas e textos, muito se vê sobre arte, do clássico ao contemporâneo. A arte está por toda parte, e, a cada dia, surgem mais e mais pessoas compartilhando suas artes, afinal, como diria Freud, “o último poeta deverá morrer junto com o último homem” (1908, p.54). Sendo assim, antes de falarmos da arte enquanto campo de teorização a partir da psicanálise, faz-se necessário traçar algumas considerações a respeito da arte enquanto um campo de investigação, que se faz com o corpo.

Esse texto não será escrito sempre em primeira pessoa, mas, neste momento, se faz importante, afinal, o ímpeto de escrevê-lo partiu da existência singular da arte em mim. Não é de hoje que minha vida e meu corpo são atravessados pela arte.

Ao longo da minha vida, a arte se apresentou de diversas formas possíveis, mas algo em comum sempre estava em jogo, o corpo. Era, sempre, ele que estava em cena, metafórica ou literalmente falando, já que, dentre as diversas experiências vividas, uma delas foi o teatro, a experiência mais intensa de corpo que eu já havia vivenciado, até os dias atuais.

Em meio ao caos instalado pela pandemia de covid-19, no qual o mundo entrou em isolamento e em suspensão, a arte veio para irromper o meu isolamento. Para além de um isolamento social, o que eu vivenciava era um isolamento de perspectivas, um isolamento de projeções.

Um esvaziamento de expectativas e idealizações trazido por um contexto de incertezas, e que a única certeza era o medo e a indeterminação. Dentre inúmeras tentativas de preencher esse espaço de indeterminação, nada gerava sentido. O corpo era tomado por uma espécie de apatia, levando-o à inércia.

Entretanto, de forma muito sutil, a arte se apresenta enquanto uma possibilidade. Ela me aparece como um retorno. É na arte plástica, que já havia aparecido enquanto possibilidade em um momento pontual da vida, que encontro um caminho possível.

A particularidade em torno da arte plástica também me chama atenção. Assim como minhas experiências anteriores, ela coloca meu corpo em cena: são minhas mãos, dedos e, às

vezes, sangue. Entre pregos e marteladas, madeiras e linhas, a arte surge. Uma rígida tela em branco de madeira, é nela que minha força faz encaixar cada prego em seu lugar, os pregos servem para delimitar um espaço, um espaço para a criação, as linhas, que também são utilizadas, dão voltas nos pregos como uma dança, ora com sincronia, ora sem, não importa tanto, o importante é dar contorno ao vazio delimitado pelos pregos, às vezes, é possível preencher, mas nunca completamente, afinal, onde há um vazio, sempre haverá brechas.

É um processo singular que exige de mim força e delicadeza, concentração e devaneios, firmeza e leveza, e que nos mostra que essas dualidades não se tratam de opostos, é outra coisa. Mas, a arte em si não é isso ?

O atravessamento da arte no corpo provoca efeitos, e esse trabalho é um deles. Pela via da teorização, a arte se apresenta de forma muito importante à psicanálise. Ao longo da teoria construída por Freud, não é difícil notar a quantidade de referências artísticas presentes. O conceito “Complexo de Édipo”, por exemplo, muito difundido e de importância fundamental para a cientificidade psicanalítica, tem como narrativa a peça teatral “Édipo Rei” escrita por Sófocles.

Em vista disso, arte e psicanálise constantemente se interpelam, apresentando-se de forma presente nos escritos freudianos, principalmente, no que se refere à criação artística e efeitos das obras. No entanto, não se trata de uma leitura da psicanálise sobre a obra de arte, uma psicologização do artista diante da sua criação. Trata-se, muito mais, de um empréstimo da arte à psicanálise (IANINI, 2017). Como situa Tania Rivera sobre essa relação:

Ao investigar a criação artística, a psicanálise pode ter a pretensão de ir além de uma compreensão estrita desse campo, recolocando em questão suas próprias noções e compreensão geral do sujeito uma vez que a teoria psicanalítica não constitui nunca um edifício teórico bem acabado e definitivo, mas um verdadeiro canteiro de obras a requerer novas formulações, repetidamente (à maneira, talvez, das elaborações sem fim e sempre a se refazer em uma análise). (RIVERA, 2005, p.31)

No que diz respeito às discussões tecidas por Freud em torno da arte, muitos textos tomam o tema como elemento central, como “Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci” (1910), e “O Moisés, de Michelangelo” (1914), textos que procuram “desvendar mecanismos psíquicos e pulsionais subjacentes à criação artística” (IANINI, 2017, p.29) e que fazem parte de uma série de escritos de Freud que, partindo das mais diversas formas de criação, buscam trazer à tona as correlações possíveis entre esses mecanismos e o modo como a arte opera.

Entretanto, são os textos sobre cultura e constituições sociais que possibilitam localizar de que modo a arte se apresenta enquanto elemento constituinte e fundamental. Neles, a arte é

pensada a partir do mecanismo da sublimação, conceito central para a discussão estética freudiana, que diz respeito a uma via possível para o deslocamento da pulsão, sendo a arte, um meio para tal.

No intuito de explicitar de que modo ocorre o deslocamento da pulsão a partir da sublimação, é necessário traçar dois caminhos possíveis. O primeiro, a partir da criação artística enquanto elemento central para pensar o sujeito, presente nos textos sobre arte e literatura, e o segundo, pela via da pulsão, presente nos textos sobre a cultura.

Diante da discussão sobre de que modo a arte se apresenta para a psicanálise, Freud (1897/2015) evidencia que “o mecanismo da criação poética é o mesmo das fantasias históricas”(p.43). É a partir dessa relação que a criação artística, compreendendo a criação poética como toda criação artística, se apresenta como modo de dar tratamento diante do impossível de suportar.

Neste sentido, para além da definição de arte enquanto uma habilidade de execução prática feita de modo consciente, controlado e racional, há algo na arte que se apresenta ademais de uma construção racional e que se evidencia a partir do ato de criar.

Jacques Rancière (2009, p. 30) considera que “o próprio da arte é ser a identidade de um procedimento consciente e de uma produção inconsciente, de uma ação voluntária e de um processo involuntário, em suma, a identidade de um logos e de um pathos”, ou seja, a noção que, para além do que se apresenta enquanto pensamento e construção na obra, há algo de um não-pensamento, algo que escapa à consciência do que se produz. É neste ponto que arte e psicanálise se aproximam.

Ao estabelecer a psicanálise enquanto ciência, Freud, além de se utilizar dos elementos epistemológicos vigentes na época, elege, como objeto, o Inconsciente, referindo-se ao campo de pulsões e dos afetos, dando lugar ao que era reconhecido como o que há de irracional no sujeito (CHAVES, 2015).

Freud traz a noção de inconsciente como uma outra chave de leitura possível diante da constituição do sujeito. A introdução do inconsciente nessa lógica coloca em evidência que, para além da consciência, responsável pelas vontades, há um outro mecanismo em jogo no qual também constitui o sujeito e o rege.

De outro modo, diante da possibilidade do uso da criação artística enquanto aparato para a psicanálise, Freud se vale da arte para falar sobre o conceito de sublimação, localizando a arte como uma via da mesma. Outras atividades também são colocadas enquanto tais como a religião, investigação intelectual e esportes (JORGE, 2005), porém, a arte parece ocupar um lugar singular.

Sabe-se que há uma escassez sobre o tema da sublimação nos escritos freudianos, uma vez que, não existe nenhuma obra dedicada à temática. Porém, ao longo das obras de Freud, podemos notar alguns trechos que situam a arte tal como um modo singular de sublimação. Tomando, como exemplo, o texto “Futuro de uma ilusão” (1927/2020), ao falar sobre as renúncias envolvidas no surgimento da cultura e seus modos de substituições, Freud sinaliza a existência de uma singularidade na arte:

A arte oferece, como aprendemos há muito tempo, satisfações substitutivas para as mais antigas renúncias culturais, que continuam sendo sentidas da maneira mais profunda, e por isso ela tem efeito reconciliador como nenhuma outra coisa em relação aos sacrifícios dessas renúncias. (FREUD, 1927/2020, p.244)

Sendo assim, a relação entre arte e psicanálise se apresenta de dois modos, por um lado, pela via da criação artística e o diálogo com a clínica, de modo a pensar uma relação direta entre vida do artista e obra, e, por outro, pelo diálogo entre fundação da vida social e renúncias pulsionais, tendo a arte como possível produto. Entretanto, não se trata de âmbitos tão distintos assim.

Na realidade, a discussão é permeada “pela existência de mecanismos que regem a criação” (METZGER, 2017, p.43), no qual a sublimação é colocada enquanto elemento basal e a arte enquanto elemento singular para a discussão, e como evidencia Metzger (2017, p.44): “Discutir sublimação desde as artes, nesse sentido, é uma maneira de ampliar nossa abordagem da clínica[...].”

Assim, para além do entrelaçamento entre arte e psicanálise de modo específico, é possível observar a existência de um outro entrelaçamento de campos em que a arte é posta como importante elemento cultural e, ao mesmo tempo, importante elemento singular.

Parte-se, portanto, das referências freudianas que colocam a criação artística enquanto um modo singular de sublimação e também da experiência pessoal com a arte, do sentir na pele a experiência da arte enquanto movimento fundamental e necessário para contornar o insuportável evidenciado pela situação social e política atual brasileira, vendo-a como uma saída para mim, além de possível, única, enquanto aquilo que deu um lugar onde mais nada dava.

Sendo assim, a pesquisa tem por interesse compreender o que há no fazer da arte que a coloca enquanto modo singular de sublimação. Neste sentido, visando compreender de que modo ocorre a operação sublimatória, como a arte se apresenta para a sublimação e para as formações culturais, e quais as singularidades que a arte apresenta diante desse arranjo.

A questão da pulsão

O conceito de pulsão é caro à psicanálise. Como evidencia Iannini e Tavares (2020), a teoria das pulsões traz à tona os processos que fundam a especificidade da clínica psicanalítica em relação a outras formas de cura, tratamento e terapia.

A partir do que era recolhido na análise de alguns pacientes neuróticos, Freud pode fundamentar sua teoria das pulsões. A escuta apontava para elementos de uma sexualidade que se apresentava de modo inconstante e submetida a um outro, diferente do que se pensa de instinto quando se fala dos animais (JORGE, 2005)

Pulsão é um conceito limite entre o somático e o psíquico, compreendida como um estímulo interno, cuja meta é a satisfação (FREUD, 1915/2020). Neste sentido, há uma exigência do aparelho psíquico em torno da satisfação, que se coloca de maneira constante, sem ser alcançada. “É a própria insatisfação ou a satisfação incompleta da pulsão que funciona como motor de busca constante por satisfação” (METZGER, 2017, p.50)

Essa satisfação incompleta se justifica pela não existência de um objeto específico que contemple a pulsão, pois o que coloca o sujeito em movimento é, justamente, a busca por “satisfação completa mítica, advinda do encontro com Das ding” (METZGER, 2017, p.50), que seria o encontro com o objeto, mas deixemos o tema da Das ding para um momento futuro.

Devido a inexistência do objeto enquanto elemento único a ser alcançado, a pulsão “se satisfaz através de uma multiplicidade de objetos” (METZGER, 2017). À vista disso, é a plasticidade pulsional que possibilita com que a pulsão invista em diversos objetos, permitindo, inclusive, um certo distanciamento das ações originais, que são as metas originalmente sexuais. Em relação a pulsão sexual, Freud evidencia que :

A pulsão sexual[...] é, no ser humano, provavelmente desenvolvida de maneira mais vigorosa do que na maioria dos animais superiores e, em todo caso, de maneira mais constante, uma vez que superou quase que completamente a periodicidade à qual se mostra ligada aos animais (FREUD,1908/2020, p.73)

Para além da importância da teoria das pulsões diante da clínica, dos processos humanos e do modo como cada sujeito se situa diante do desejo, Freud coloca a pulsão enquanto elemento essencial de uma maneira mais coletiva.

“Nossa cultura se constitui sobre a repressão de pulsões”, é assim que Freud (1908/2020, p.72) relaciona cultura e pulsão. De maneira geral, cada sujeito tem uma certa quantidade de pulsão, como situada anteriormente, que é responsável pela busca de satisfação, porém cada

indivíduo cede uma parcela, de quantidade variável para cada um, de seu patrimônio e é desse modo, com essas contribuições feitas de modo não consciente, que se forma o chamado patrimônio cultural (FREUD, 1908/2020)

Sendo assim, servindo à cultura, a pulsão ganha um caminho possível, ou seja, uma meta possível. O deslocamento da pulsão para uma meta com valor cultural é conhecido como sublimação.

O ponto da sublimação

Não há nenhum trabalho de Freud dedicado à sublimação, deste modo, é apenas através de uma investigação ao longo de seus escritos que podemos encontrar fragmentos e localizar como a sublimação se apresenta diante do arranjo cultural e de que modo ela opera.

Dessa forma, é possível identificar que a sublimação tem uma característica peculiar no que diz respeito a troca de meta. Para além de possibilitar uma substituição de uma meta sexual por uma não sexual, agora cultural, ela permite com que essa mudança seja feita sem perda de intensidade, ou seja, psiquicamente, ambas ainda são equiparadas, sem interferências ou perdas.

Outra técnica de defesa contra o sofrimento serve-se dos deslocamentos da libido, os quais nosso aparelho anímico autoriza, e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa a ser resolvida é deslocar as metas pulsionais de tal maneira que não possam ser atingidas pelo impedimento do mundo exterior. A sublimação das pulsões presta aqui sua ajuda (FREUD, 1930/2020, p. 325)

De modo semelhante, alguns escritos freudianos situam uma série de atividades sublimatórias possíveis, como a pulsão de pesquisa que, inclusive, Freud (1910/2015) identifica em Da Vinci. Entretanto, é possível encontrar nas obras freudianas um olhar especial para um modo de sublimação em específico: pela via da arte:

“A arte oferece, como aprendemos há muito tempo, satisfações substitutivas para as mais antigas renúncias culturais, que continuam sendo sentidas da maneira mais profunda, e por isso ela tem efeito reconciliador como nenhuma outra coisa em relação aos sacrifícios dessas renúncias. (FREUD, 1927/2020, p. 244)

Como é sabido, a sublimação permite que a pulsão se situe no campo cultural, de modo a situar-se nas mais diversas modalidades que se apresentam enquanto formações da cultura, porém, há um elemento importante diante das formações culturais:

Mas tais processos acabam por instituir, ao mesmo tempo, uma espécie de hierarquia entre as formações culturais, na qual a arte ocupa o ponto mais alto e

mais importante. Este lugar fundamental [...] diz respeito ao papel desempenhado pelo corpo e pelo desejo, uma vez que dentre essas relações, havia a impossibilidade do sujeito subsumir inteiramente ao outro (CHAVES, 2015, p.34)

Deste modo, é possível conceber que há algo na arte que a coloca enquanto um elemento singular diante do arranjo entre sublimação e pulsão. O que há de peculiar na arte que a coloca enquanto efeito reconciliador como nenhuma outra coisa? “A intenção de Freud talvez estivesse além do que ele próprio poderia enunciar no momento em que empreendia discussões concernentes ao mundo das artes, mas que se evidencia nas discussões sobre Da Vinci” (METZGER, 2017, p. 44)

É em Lacan que buscaremos subsídios para avançar na discussão sobre o singular da arte. Lacan se faz importante para a discussão, pois é a partir das discussões de Freud sobre a existência de algo que já é de conhecimento do escritor e no qual busca o analista (FREUD, 1907/2015) que ele se debruça sobre o tema da arte e propõe uma virada de chave; E, é devido ao interesse pela clínica que Lacan tece uma discussão sobre arte a partir da sublimação.

Aqui tem um vazio !

No que diz respeito a sublimação, Lacan parte da concepção de que ela não oferece ao sujeito um horizonte de reconciliação qualquer com o desejo cujo objeto lhe escapa (IANINI, 2017), ou seja, não há nada na sublimação que se apresente enquanto uma formação substitutiva, não se trata de um mecanismo que servirá para tamponar o lugar do objeto.

Neste ponto, há um elemento imprescindível para a teoria lacaniana da sublimação: O vazio. “O vazio aqui é tomado como a impossibilidade de encontrar uma representação simbólica ou pictórica que dê conta da radical singularidade dos desejos inconscientes” (IANINI, 2017, p. 29).

Para Lacan, a sublimação se apresenta, então, como o verdadeiro estatuto da pulsão, ou seja, evidencia o seu lugar de impossibilidade diante do desejo, em outras palavras, A Coisa. Pano de fundo para a discussão de sublimação em Lacan, Das ding - a Coisa se apresenta enquanto “objeto que traz em si o estatuto real do objeto que, pouco tempo depois, seria formulado como objeto causa de desejo” (METZGER, 2017, p.52). Deste modo, a Coisa é fundamental para a constituição do sujeito enquanto tal e diante da busca incessante para reencontrar o objeto “perdido”.

Sendo assim, o que está em jogo a partir da teoria de sublimação em Lacan é que, para além de qualquer formação substitutiva que possa parecer ser, a sublimação traz para a cena o

que é próprio do desejo. Posto isso, a sublimação se apresenta como “elevação do objeto à dignidade da coisa” (JORGE, 2005, p.156)

Elevar o objeto à dignidade da coisa não diz respeito a dar ao objeto uma materialidade, enquanto algo que ocupa um lugar, seja tamponando ou substituindo. Não se trata disso, não há nada que possa ocupar o lugar da Coisa, o que é possível fazer é dar contorno. Neste sentido, como não há nada que possa reparar ou tamponar este lugar, ou seja, como não existe, no sentido mais denotativo possível, algo que dê conta de representar, a saída é pela via da criação.

Portanto, Lacan coloca a sublimação ao lado da criação: “A sublimação é um ato em vias de produção, daí poder ser causa de criação, e não o estatuto do que está criado, um estado definido e estático: ela possui uma dimensão de transformação e advento do novo” (JORGE, 2005, p. 156).

Nesse sentido, o que está em jogo na teoria lacaniana de sublimação não diz respeito a ocupar lugar e sim de uma reprodução da falta (JORGE, 2005), ou seja, refere-se a demarcar o irrepresentável. É nesse ponto que a arte e a sublimação se entrecruzam, pois o mesmo pode-se dizer da arte:

Utilizando-se a tripartição real- simbólico- imaginário, a psicanálise permite que se defina a obra de arte como uma construção simbólico imaginária que visa apontar para o real ou, dito de outro modo, uma construção que visa, de dentro do campo do representável, apontar para o irrepresentável (JORGE, 2005, p.157)

Assim dizendo, o que permite que a arte sirva à sublimação enquanto o que se opõe a uma formação substitutiva é o arranjo possível diante do Real, Imaginário e a realidade.

A arte incita reviramentos imaginários que atuam na contramão da configuração gestáltica da realidade e do sujeito, prometendo trazer à tona uma espécie de avesso do imaginário. Não se trata, porém de outra face da cena, que, ao surgir, seria rapidamente tomada como cenam justamente- mas do surgimento de brechas pela qual o real, impossível de encenar, se efetiva (RIVERA, 2017, p.37)

A arte, a partir da sublimação, se situa, então, enquanto seu produto possível, se apresenta à serviço do vazio e, ao mesmo tempo, sem perder de vista o seu papel diante das formações culturais. A arte executa seu papel em ambas funções, pois, como evidencia Rivera (2017, p.37): “Ela é o campo cultural que melhor põe em jogo a operação do estranhamento, o

reviramento de cena imaginária na qual o eu se estabelecia e reafirmava como centro unitário bem distinto do outro e dos demais elementos do mundo”.

Entretanto, é curiosa a maneira como a arte se coloca diante de coexistir entre verdadeiro estatuto da pulsão e participação na dinâmica social. Para Lacan:

No nível da sublimação, o objeto é inseparável de elaborações imaginárias e, muito especificamente, culturais. Não é que a coletividade as reconheça simplesmente como objetos úteis- ela encontra aí um campo de descanso pelo qual ela pode, de algum modo, engodar-se a respeito de das Ding, colonizar com suas formações imaginárias o campo da Das Ding. É nesse contexto que as sublimações coletivas socialmente recebidas se exercem (LACAN, 1997, p.125/ FR 1986a,p.119 apud METZGER, 2017, p.42)

Assim dizendo, a arte é o cavalo de tróia do inconsciente para a cultura. A arte é a forma possível, aceita culturalmente, pela qual o sujeito consegue dar contorno, de algum modo, ao vazio, à falta, e, ao mesmo tempo, carrega consigo fortes elementos da existência dele.

Não se trata de uma sobreposição ou apaziguamento. “Longe de consistir em uma autoliberação, uma vitória da satisfação pulsional, talvez a criação artística seja uma espécie de retomada do conflito entre as moções pulsionais e a realidade que se opõe à sua satisfação.” (RIVERA, 2005, p. 17).

Neste sentido, a arte se apresenta enquanto formação cultural, logo, coletiva, que toca de modo singular cada sujeito e que, ao mesmo tempo, os une por meio de um ponto de intersecção. A partilha ou a identificação com a arte tem relação com “uma partilha com outros indivíduos que sofrem com a mesma restrição inevitável a seus desejos” (RIVERA, 2005,p.16.)

Deste modo, por mais que haja uma determinada concepção de coletivo em jogo, visto que a arte é um elemento cultural, sua singularidade se apresenta a partir do momento em que cada sujeito imprime na arte seu modo de fazer diante vazio. "Em vez do pertencimento a uma identidade coletiva bem assegurada por um substituto do pai poderoso, a arte põe em jogo um incitamento à desidentificação, ao surgimento de uma singularidade, desidentitária” (RIVERA, 2017, p.37). E é nesse ponto que o elemento mais singular da arte se apresenta.

É só a partir da existência de um vazio e, principalmente, só a partir do momento em que depara-se com o ele que, a criação artística se apresenta enquanto um trabalho subjetivo possível.

Na sublimação e mais particularmente na arte, contudo, isso que é feito de buraco, como diz Lacan, que em última instância é puro vazio, pura perda, se deixaria de alguma maneira figurar. A imagem da feitura de um vaso permite como nenhuma outra figuração:vazio. Ao se formar, o vaso dá lugar ao vazio e à perspectiva de que ele venha a ser preenchido com alguma coisa. A arte “se caracteriza por um certo

modo de organização em torno desse vazio”, afirma Lacan. Mais do que visar a preenchê-lo, a criação artística refaz esse vazio à maneira do vaso. (RIVERA, 2005, p.41)

A partir da metáfora do vaso é possível perceber que, o que está em jogo não é o vaso enquanto objeto, e sim, enquanto elemento que demarca a existência do vazio. É o vazio que mobiliza a criação, “criação ex nihilo -criação a partir do nada -, o vazio do vaso é referência ao nada a partir do qual se cria” (METZGER, 2017, p.62).

A arte se coloca, portanto, não como um preenchimento, e sim como possibilidade de criar uma nova configuração, apresentando uma via subjetiva para que algo possa ser feito diante do vazio que se apresenta para cada sujeito. É no ponto em que outras saídas se apresentam enquanto substituição, que a arte ocupa um lugar de criação.

Sendo assim, a arte e o elemento da criação aparecem como um modo subjetivo para que cada sujeito faça seu próprio movimento diante do reconhecimento do vazio. Para além dos aparatos das fantasias coletivas, a arte propõe uma resposta subjetiva, um trabalho feito à maneira de cada um.

Considerações finais

Ao submeter um trabalho que relaciona arte, criação artística e psicanálise, diferente do que se pensa, não há interesse em sistematizar uma teoria psicanalítica da arte, nem sistematizar uma teoria de “como determinados modos de subjetivação podem ser pensados a partir da desfiguração de um modelo emprestado das produções sociais” (IANINI, 2017, p.29). Não se trata de pensar um modelo fechado ou de colocar a arte em um pedestal como uma saída exemplar diante do vazio.

A arte, enquanto saída, é permeada pelo campo das possibilidades. Dizendo de outro modo, através de uma perspectiva que toma a arte como saída, assim como outras possibilidades, ela não é tomada de modo universal.

Entretanto, eu, falando em primeira pessoa do singular, senti os efeitos da arte no corpo num período da vida e do mundo em que tudo se encontrava em suspensão, no qual nada parecia fazer sentido ou nada poderia oferecer sentido. Senti meu corpo ser tomado por uma espécie de vivência que não poderia nomear, a arte se projetou enquanto minha possibilidade. Ela deu um lugar, ela me deu um lugar, quando nada parecia dar conta, a arte se apresentou. Deste modo, não poderia ignorar algo que chamo de singular da arte.

Havia algum ponto da arte que a colocava enquanto um elemento singular por conseguir ser algo que mobiliza, e faz, de certo modo, algum contorno diante de um novo mundo de

incertezas que a pandemia e o desgoverno nos apresentam, e diante do qual nada parecia funcionar. Toda e qualquer tentativa de apaziguar era inútil. Talvez essa fosse justamente a questão.

Neste sentido, o diálogo com a arte oferece um via direta com a operação constitutiva do sujeito, pois, “ela trata e reflete justamente sobre isso, construindo objeto, imagens e situações capazes de acender a centelha do sujeito” (IANINI, 2017, p.35). O sujeito, assim sendo, é pensado enquanto constitutivo a partir do Outro, ou seja, há algo que nos constitui que está em nós e para além.

“Há algo, fundamental em nós mesmos, que se encontra fora de nós. A arte é o campo da cultura em que isso se apresenta, trata-se, portanto, de um campo necessário à teorização psicanalítica” (RIVERA, 2017, p.35). Neste sentido, longe de tomar a arte como objeto substitutivo, ela nos convoca para um olhar mais profundo a respeito do desejo e da constituição do sujeito, permitindo, então, um ponto de escuta para o que há de mais singular em cada um. Assim sendo :

“A estética da psicanálise [...] não é uma aplicação da psicanálise à arte, mas, ao contrário, uma aplicação da arte à psicanálise, como insiste Regnault. Não se trata de submeter à interpretação analítica a obra ou o artista, colocando a arte no lugar de objeto ou o artista no divã. Trata-se, diferentemente, de recolher, no campo freudiano, os efeitos de verdade ocasionados pela simples existência de determinadas obras. (IANINI, 2017, p. 30)

Em outras palavras, a investigação não parte de uma busca detalhada de elementos da arte para que se possa dar significados, não se trata de fragmentar uma obra em busca de interpretação, nem de encontrar, na obra, elementos da vivência do artista. Junto a isso, a estética psicanalítica pensada a partir de Lacan, ainda nos oferece um novo olhar. A partir do qual percebe que “certos objetos se prestam melhor a essa inadequação com a ordem simbólica” (IANINI, 2017, p.30)

Ao que parece, a arte pode ser pensada enquanto o cavalo de Tróia psicanalítico. Um objeto oco que faz semblante de objeto culturalmente aceito para que tenha entrada garantida na cultura, mas, que carrega, em si, um vazio, uma parcela pulsional, uma retomada do conflito, na qual apenas cada sujeito poderá lidar com ela. Mas, longe de ser um presente de grego, a arte se revela enquanto o melhor dos dois mundos: oferecendo, à cultura, elementos constituintes, e oferecendo, ao sujeito, a possibilidade de contorno diante do vazio.

De certo modo, foi assim que a arte, enquanto ato, me físgou. Quando eu me deparei com um certo “vazio”, a única coisa que me deu sentido foi a arte. No momento em que, não

encontrava nada que me preenchesse dentre tantos possíveis, decidi ir por um outro caminho e, talvez, fosse justamente essa questão, em que a arte seria, então, “figura de certo excesso de real”. (IANINI, 2017, p.30).

E quanto mais a psicanálise se vale da arte, mais parece estar em busca de si. (RIVERA, 2017). Sendo uma ciência pensada a partir da prática, e que traz um objeto inédito como o Inconsciente, a psicanálise se apresenta como uma ciência sempre em construção. Aproximar a psicanálise e a arte é, por consequência, “assumir essa falta de lugar com a arte, aceitando pôr-se com ela em movimento. [...] da mesma forma, um convite à deriva, ao movimento, posto que o desejo não se localiza ou nomeia, mas se esquia sempre e ressurgue em outra parte” (RIVERA, 2005,p. 68)

Por fim, como se pode observar, a arte não oferta um lugar para pensarmos só sobre pulsão e constituição do sujeito, mas para pensar a própria construção da psicanálise, no que diz respeito a seus fundamentos. “Pensar entre arte e psicanálise é incitar a uma polifonia: trazer vozes múltiplas, sem hierarquia, em prol de um discurso descentralizado que seria enfim fiel ao descentramento do sujeito” (RIVERA, 2017, p.37)

REFERÊNCIAS

CHAVES, Ernani. Prefácio: O paradigma estético de Freud. *In:* FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015, p.7-35

FREUD, Sigmund. Trecho do Manuscrito N, anexo à carta a Fliss (1897). *In:* _____. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015, p.43

FREUD, Sigmund. O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen (1907). *In:* _____. **O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)**. Tradução de Paulo Cezar Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2015, p.13-122

FREUD, Sigmund. A moral sexual “cultural” e a doença nervosa (1908). *In:* _____. **Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020, p. 65-92

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar (1908). *In:* : _____. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015, p.53-64

FREUD, Sigmund. Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci (1910). *In:* : _____. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015, p.69-162

FREUD, Sigmund. O Moisés, de Michelangelo (1914). *In:* : _____. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015, p.183-217

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos (1915)**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. Futuro de uma ilusão (1927). *In:* _____. **Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos.** Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020, p.233-293

FREUD, Sigmund. O mal estar na cultura (1930). *In:* : _____. **Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos.** Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020, p.305-405

IANINI, Gilson. Arte e psicanálise. **Revista Cult - Especial Lembranças de quem conviveu com Michel Foucault- o filósofo que propôs o restabelecimento do desejo de revolução.** São Paulo. ano 20, n. 225, p.28-30, jul.2017

IANINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. Apresentação: Para ler o mal estar . *In:* FREUD, Sigmund. **Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos.** Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020, p.7-26

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamento da psicanálise de Freud a Lacan**, vol 1: As bases conceituais. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005

METZGER, Clarissa. **A sublimação no ensino de Jacques Lacan:** Um tratamento possível ao gozo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético** . São Paulo: Editora 34, 2009

RIVERA, Tania. **Arte e psicanálise.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

RIVERA, Tania. O avesso do imaginário. **Revista Cult - Especial Lembranças de quem conviveu com Michel Foucault- o filósofo que propôs o restabelecimento do desejo de revolução.** São Paulo. ano 20, n. 225, p.34-37, jul.2017